

# Fazendo a diferença na Educação Física Escolar Especial



Só quem é professor sabe das dificuldades diárias encontradas para conseguir realizar um trabalho com eficiência e eficácia. Se trabalhar com crianças sem deficiência já exige muito dos professores de Educação Física Escolar, imagine agora liderar uma turma com alunos com deficiência?! E mais: sem materiais e infraestrutura adequada! Pois esse foi o desafio da Prof. Mônica Lopes de Mello (*CREF 011849-G/RJ*), ao assumir, assim que passou em um concurso para o município do Rio de Janeiro, uma turma de adolescentes com deficiência do 2º ano do ensino fundamental – a maioria, segundo ela, com Síndrome de Down.

“Fiquei assustada, mas tive que encarar e correr atrás de recursos que pudessem me ajudar. A professora da turma foi um grande ‘trunfo’. Ela me ajudou muito e, com isso, fizemos um trabalho integrado, uma ajudando a outra”, conta a profissional, que, antes disso, tinha tido apenas uma experiência parecida – e por pouco tempo – durante o estágio em uma escola no bairro de Bangu, Zona Oeste do município.

Um dos primeiros desafios encontrados, logo que assumiu a turma, foi inserir a noção de trabalho em grupo entre as crianças, uma vez que todas as atividades que faziam, até então, eram de cunho individual.

“Como na escola também existiam turmas regulares, com crianças sem deficiência, às vezes colocava os alunos especiais junto com essas turmas. Eles faziam atividades com as turmas mais avançadas, do 5º ano, por exemplo”, relata. “Quando tinha uma atividade, como um queimado ou futebol, as crianças do 5º ano ajudavam esses alunos especiais, orientando para onde eles tinham que correr, como pegar a bola... Enfim, nenhuma criança fazia distinção, todas participavam. Com isso fui criando a noção do trabalho em grupo entre eles”.

Outra enorme dificuldade foi em relação à falta de material e infraestrutura necessária para lidar com esse público. Mais uma vez, a determinação e criatividade da Prof. Mônica Lopes contribuíram para que este problema fosse superado.

“O espaço para as atividades externas não era adequado: duas árvores cercadas por bancos, cipós, muita raiz externa e um pedaço de cimento que chamávamos de ‘quadra’. Era pequeno, mas consegui fazer alguma coisa. Como eram poucos alunos (10) comecei a aproveitar o espaço que tinha. Utilizava os bancos em volta da árvore e colocava mochilas em cima, de forma espaçada, para que eles pudessem andar e passar por cima delas. Alguns tinham dificuldade de passar, demoravam um pouco mais para perceberem que tinham que levantar a perna”, conta a professora, que aproveitava também os cipós das árvores para trabalhar a força muscular. “Eles adoravam! Mas demorei um pouco para fazer com que alguns entendessem como se pendurar no cipó. Tinha também a questão do medo. Aos poucos fui melhorando isso”.

Na turma, Prof. Mônica também trabalhava com ginástica, psicomotricidade, através de percursos, dança com movimentos simples, que exigiam pouca coordenação, dentre outras atividades. Logicamente, o sucesso dos exercícios variava de aluno para aluno. Uns conseguiam se desenvolver mais rápido, enquanto outros precisavam de um tempo maior. Mas, como afirma a educadora, é preciso ter muita paciência. “É um trabalho de ‘formiguinha’ mesmo. A cada dia você ensina uma coisa. No dia seguinte alguns vão precisar que você ensine novamente. Em época de férias, em que eles ficam fora da escola, alguns alunos, ao voltar às aulas, parecem que perderam todas as informações e o professor terá que ensinar tudo novamente”.

A profissional conta que é extremamente importante que o professor estimule o acompanhamento dos pais. O desenvolvimento das crianças na escola só progride se os pais forem atuantes em todas as fases do processo. “Esses pais jogam suas esperanças em cima de nós professores e, se tratando da Educação Física, onde usamos a linguagem corporal, uma simples resposta positiva da criança e/ou adolescente frente a um novo exercício já faz os pais felizes”.

O sucesso deste trabalho atingiu o seu ápice quando a Profissional de Educação Física inscreveu a turma para participar dos Jogos Inclusivos, competição promovida pelo Município do Rio na qual a escola poderia levar até 22 alunos como deficiência ou integridades (crianças com alguma deficiência avaliadas pelos organizadores, mas que frequentavam turmas regulares). “Era uma festa! Era realmente inclusivo! Eu treinava todos eles, tirava os índices de cada um e a competição organizava os atletas de acordo com esses índices. Era uma competição super organizada. Pena que acabou...”.

**“É um trabalho de ‘formiguinha’ mesmo. A cada dia você ensina uma coisa. No dia seguinte alguns vão precisar que você ensine novamente. Em época de férias, em que eles ficam fora da escola, alguns alunos, ao voltar às aulas, parecem que perderam todas as informações e o professor terá que ensinar tudo novamente”**

Quanto ao medo relatado pela professora Mônica Lopes lá no início do trabalho? Foi-se embora nas primeiras semanas de trabalho. Já a satisfação de ver o resultado do seu trabalho visível naquele “pedaço de cimento que chamavam de quadra” é comemorada como se fosse um título, uma medalha olímpica.

“Foi muito gratificante a experiência com esses alunos! Trabalhar com eles é por à prova toda a sua paciência e criatividade. É dizer: eu contribuí para a melhora da autonomia dessas crianças. É vibrar com uma aluna que, depois de muito tempo insistindo e acreditando, conseguiu pegar uma bola com as mãos em um simples jogo de roda. Isso não é nada para um professor de turma comum, mas para nós, professores, que trabalhamos com esse público, é como ter ganhado um prêmio”.